

Maria ficou bege: uma análise funcional da predicação com o verbo ficar no português

Maria ficou bege: a functional analysis of the predication with the verb ficar in the portuguese

Jakeline Simões Gomes¹ 

Nedja Lima de Lucena¹ 

Emanuel Cordeiro da Silva² 

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN, Brasil.

² Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras. Recife, PE, Brasil.

E-mails: jakeline.gomes.068@ufrn.edu.br; nedja.lucena@ufrn.br; emanuel.csilva@ufpe.br

Editor-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores convidados

Edvaldo Balduino Bispo
Fernando da Silva Cordeiro
Renata Enghels

Recebido: 29/03/2024

Aceito: 08/07/2024

Como citar:

GOMES, Jakeline Simões;
LUCENA, Nedja Lima de;
SILVA, Emanuel Cordeiro da. *Maria ficou bege: uma análise funcional da predicação com o verbo ficar no português*. *Revista Diadorim*, v.26, n.1, e63462, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n1a63462>

Resumo

A predicação é um fenômeno linguístico complexo que interessa aos estudos da gramática da oração. Neste artigo, examinamos a predicação com o verbo *ficar* em orações como *ficamos passados com o babado e fiquei um nojo nesse vestido* à luz do quadro teórico do funcionalismo linguístico de inspiração norte-americana. Nessa perspectiva, compreende-se que o uso linguístico é central para a emergência e regularização de padrões linguísticos. Desse modo, são investigados dados empíricos do português com o intuito de averiguar aspectos formais e funcionais relacionados à manifestação discursiva das orações predicativas com o verbo *ficar*. A abordagem metodológica consiste em uma pesquisa sincrônica, de cunho descritivo-explicativo, fundamentada na perspectiva qualitativa e quantitativa. O conjunto de amostras compõe um *corpus* constituído por 468 ocorrências oriundas da *Rede X (Twitter)* e provenientes dos anos

de 2020, 2021 e 2022. Os resultados assinalam que a predicação com o verbo *ficar* está fortemente vinculada ao contexto semântico-pragmático: as orações tendem a expressar mudança de estado de ordem psicológica, geralmente ocorrem após a exposição do evento que motivou o estado e apresentam (inter)subjectividade. Além disso, na posição de predicativo de sujeito, é possível verificar um *continuum* que envolve adjetivos e outros recursos e, na posição de sujeito, uma entidade anafórica geralmente experienciadora.

Palavras-chave

Funcionalismo norte-americano; predicação; verbo *ficar*; predicativo do sujeito.

Abstract

Predication is a complex linguistic phenomenon that is of interest to the study of the clause grammar. In this paper, we examine the predication with the verb *ficar* in clauses as *ficamos passados com o babado* and *fiquei um nojo nesse vestido* in the light of the theoretical framework of linguistic functionalism of North American inspiration. From this perspective, it is understood that linguistic use is central to the emergence and regularization of linguistic patterns. Thus, empirical data of the Portuguese are investigated in order to ascertain formal and functional aspects related to the discursive manifestation of predicative clauses with the verb *ficar*. The methodological approach consists of a synchronic, descriptive-explanatory research, based on the qualitative and quantitative perspective. The set of samples composes a *corpus* consisting of 468 occurrences from *Rede X (Twitter)* and from the years 2020, 2021 and 2022. The results indicate that the predication with the verb to *ficar* is strongly linked to the semantic-pragmatic context: the clauses tend to express a change in psychological state, generally occur after exposure of the event that motivated the state and present (inter)subjectivity. In addition, in the subject predicate position, it is possible to verify a continuum involving adjectives and other resources, in the subject position, an anaphoric entity that is usually experiential.

Keywords

North American functionalism; predication; verb *ficar*; subject predicate.

Resumen

La predicación es un fenómeno lingüístico complejo que interesa para el estudio de la gramática de la oración. En este artículo, examinamos la predicación con el verbo *ficar* en cláusulas, *ficamos passados com o babado* y *fiquei um nojo nesse vestido* a la luz del marco teórico del funcionalismo lingüístico de inspiración norteamericana. Desde esta perspectiva, se entiende que el uso lingüístico es central para el surgimiento y regularización de los patrones lingüísticos. Así, se investigan los datos empíricos del portugués con el fin de determinar aspectos formales y funcionales relacionados con la manifestación discursiva de las oraciones predicativas con el verbo *ficar*. El enfoque metodológico consiste en una investigación sincrónica, descriptiva-explicativa, basada en la perspectiva cualitativa y cuantitativa. El conjunto de muestras compone un *corpus* formado por 468 ocurrencias de la *Red X (Twitter)* y de los años 2020, 2021 y 2022. Los resultados indican que la predicación con el verbo *ficar* está fuertemente ligada al contexto semántico-pragmático: las oraciones tienden a expresar un cambio en el estado psicológico, generalmente ocurren después de la exposición del evento que motivó el estado y presentan (inter)subjetividad. Además, en la posición de predicado de sujeto, es posible verificar un continuo que involucra adjetivos y otros recursos, en la posición de sujeto, una entidad anafórica que suele ser experiencial.

Palabras-clave

Funcionalismo norteamericano; predicación; verbo *ficar*; predicado de sujeto.

Introdução

Toda sentença, todo texto, é uma sopa predicativa. Sopa, que digo eu, um sopão! (Castilho, 2019, p. 128).

As curiosas e bem-humoradas palavras de Ataliba de Castilho refletem um fenômeno lingüístico que interessa a estudiosos de variados campos teóricos: a *predicação*. Não é recente que esse complexo fenômeno tenha estado no radar daqueles que se ocupam dos fatos da linguagem. Aliás, das investigações aristotélicas até recentes experimentos lingüísticos, a predicação pode ser tomada de diferentes perspectivas. Entendida em sentido amplo como o ato de “atribuir propriedades a entidades ou estabelecer relações entre entidades” (Mateus *et al.*, 2003, p. 182), a predicação envolve “a relação entre um predicador (como o verbo, os adjetivos e alguns advérbios) e as classes que esses predicadores tomam como escopo” (Castilho, 2019, p. 251). Neste trabalho, interessa-nos investigar e descrever a predicação no âmbito de orações com

um verbo cópula (ou de ligação), o verbo *ficar*, em ocorrências do português como (i) *Maria ficou bege com a notícia* e (ii) *eu fiquei surtada*.

Esse tipo de configuração é associado ao que tradicionalmente conhecemos como *predicado nominal*, conforme a literatura gramatical costuma mencionar. Rocha Lima (2011) aponta que o predicado nominal é aquele cujo núcleo pode ser composto por um nome (adjetivo, substantivo, pronome), daí a designação “nominal”, como em *Pedro é [está, anda, permanece, continua, ficou, parece] doente*. Em todas as possibilidades, a declaração feita sobre *Pedro* (que ocupa a função sintática de sujeito) refere-se à noção semântica do elemento *doente* (adjetivo). Nessa perspectiva, este elemento é considerado o núcleo do predicado e, pela sua forma e posição sintática, denomina-se de modo particular como *predicativo do sujeito*. Os verbos *ser, estar, andar, permanecer, continuar, ficar, parecer* são considerados verbos de ligação e indicam os diversos aspectos sob os quais se considera a condição de *doente* em relação a *Pedro*.

A razão para examinar a predicação com o verbo *ficar* (Pred_{Fic}) assenta-se no fato de que esse verbo em expressões predicativas nominais é frequente (Ferreira, 2019) e, além disso, na observação de amostras preliminares a partir da Plataforma X (antigo *Twitter*) flagrou-se o uso, na função de predicativo do sujeito, de elementos de natureza formal diversa, como adjetivo, advérbio e *chunks*¹. A manifestação discursiva de Pred_{Fic} parece evocar relações semânticas primordialmente voltadas à mudança de estado de uma entidade, como demonstrado em Vieira (2020). Outra razão a considerar é o fato de que a investigação do verbo *ficar* em situação de predicado nominal é relativamente recente², sobretudo, a partir da perspectiva teórico-metodológica assumida nesta pesquisa.

Diante disso, traçamos uma investigação que intenta descrever a configuração sintático-semântica de Pred_{Fic} em dados sincrônicos do português orientada pelo funcionalismo norte-americano, em sua vertente clássica (Givón 1991; 1995; 2001; Chafe, 1970; Hopper e Thompson, 1980; Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013; Furtado da Cunha, Costa e Cezario, 2015; Rosário, 2022 e outros). Essa corrente teórica compreende o estudo da língua centrado no uso, considerando as funções comunicativas que esta desempenha nos contextos linguísticos e nas situações extralinguísticas (Furtado da Cunha, 2020). Em especial, esse quadro teórico consiste numa abordagem que não se limita à observação de aspectos puramente formais, incorporando, em suas análises, dados semânticos, pragmáticos e discursivos (Martelotta, 2013). Em tempos recentes, o funcionalismo norte-americano tem

¹ Elementos que tomados juntos podem ser entendidos como uma unidade semântica. A formação de *chunks* é uma consequência do processo cognitivo geral de *chunking*, no qual sequências de unidades se juntam para formar unidades mais complexas (Cf. Bybee, 2010). De acordo com Furtado da Cunha e Bispo (2019), esse processo é básico na formação de idiomatismos.

² Há trabalhos que focalizam a gramaticalização do verbo *ficar*, como é o caso de Lehmann (2008), e a polissemia, como em Palomanes (2004).

dialogado mais diretamente com perspectivas cognitivistas, como a Gramática de Construções (Goldberg, 1995), que é apontada, ao final deste trabalho, como um desdobramento para pesquisas futuras³.

Quanto ao caminho metodológico, a pesquisa é de natureza descritivo-explicativa, com abordagem qualitativa e quantitativa (Lacerda, 2016). Em relação à fonte de dados empíricos, foram coletadas 468 ocorrências da Plataforma X, mais precisamente dos anos 2020, 2021 e 2022. Essa delimitação nos levou a buscar dados ao longo dos 12 meses de cada ano, totalizando 36 meses. Foram aplicados etiquetas e filtros à ferramenta de busca disponibilizada pela própria plataforma. Como critério de seleção das ocorrências, estas deveriam conter pelo menos cinco vocábulos⁴, e o verbo *ficar* deveria estar expresso⁵. O material coletado corresponde a *posts* (também conhecidos como *tweets*) que formam um conjunto de 22.239 palavras que constitui a amostra textual.

Azevedo, Pereira e Ayres (2021) estudaram o *tweet* e o apontam como um gênero textual/discursivo específico, materializado no suporte virtual X. Compreendendo textos/postagens de até 280 caracteres, os *tweets* podem conter recursos visuais/multissemióticos, como *emojis*, *hashtags*, imagens, vídeos, *gifs*, *links*, entre outros. Além disso, nos *tweets*, os usuários compartilham uma gama de situações, desabafos cotidianos, notícias, eventos políticos, econômicos, sociais e culturais. Essa diversidade de conteúdos torna a rede X uma autêntica arena de expressões linguísticas para a investigação sincrônica e empírica.

A decodificação dos dados considera o exame qualitativo e quantitativo das amostras a partir de critérios relacionados a aspectos formais e funcionais, os quais são iluminados pelos princípios funcionalistas. Para a descrição empreendida neste artigo, nosso foco está voltado para aspectos sintáticos-semânticos das entidades no entorno de Pred_{Fic.}. Assim, consideramos quanto ao sujeito, sua codificação morfosintática, papel temático e traço semântico de animacidade; em relação ao predicativo do sujeito, averiguamos a configuração morfossintática e a noção semântica relacionada ao estado expresso. Ampliando o olhar para o escopo oracional, examinamos a ordenação do estado predicativo frente ao evento que o motivou, bem como observamos o tipo de sequência textual em que tende a ocorrer. Recorre-se a estes fatores como modo de compreender a manifestação de Pred_{Fic.} diante dos variados contextos pragmáticos nos quais as amostras ocorrem.

³ Por razões de espaço, nosso recorte neste trabalho não se compromete a examinar o fenômeno sob a ótica da gramática de construções, embora reconheçamos que esse caminho é a continuidade da investigação.

⁴ Para esta investigação, excluimos os casos em que o predicativo do sujeito estava expresso por oração.

⁵ Tal delimitação é importante, pois sabemos que há casos em que o verbo copulativo pode estar implícito, como em “Apesar de (serem) *amáveis*, era evidente que também os Barros estavam constrangidos” (Neves, 2011, p. 181).

Em relação à organização do presente artigo, posteriormente a esta introdução, apresentamos uma breve revisão do objeto de estudo; em seguida, evidenciamos os postulados funcionalistas que alicerçam a investigação aqui empreendida; na sequência, situamos a análise dos dados à luz dos pressupostos teóricos; por fim, acrescentamos as considerações finais e as referências.

Predicação com verbo *ficar*: notas sobre trabalhos pretéritos

Nesta seção, tencionamos elucidar como a predicação de natureza nominal – foco deste trabalho – é mencionada na literatura gramatical e linguística. Buscamos apresentar, de modo não exaustivo, as principais ideias que tratam do tema. Na sequência, expomos observações feitas sobre o verbo *ficar*, com ênfase na sua expressão em contextos de predicação nominal.

Em sentido *lato*, entende-se predicação como o elo que um verbo pode estabelecer com seus complementos para formar um predicado. Em sentido *stricto*, tal qual adotamos nesta pesquisa, predicar é atribuir propriedades a entidades ou estabelecer relações entre estas; no caso da predicação nominal, envolvendo um verbo de mudança de estado acrescido de sintagma adjetival com função de núcleo de predicado (Mateus *et al.*, 2003). Esclarece-nos Neves (2011) que nos casos em que há um verbo de ligação seguido de adjetivo, este é “o núcleo do sintagma verbal, e é, portanto, núcleo do predicado” (p. 180). Na mesma linha, segundo Givón (2001), a carga léxico-semântica da predicação vincula-se ao predicado não verbal, isto é, ao elemento nominal.

Almeida (1961), Cegalla (2000) e Pestana (2013) assumem, como na maioria dos manuais gramaticais tradicionais, que há dois tipos de predicativo, aquele que se refere ao sujeito, ou seja, que exprime um atributo, estado ou modo de ser, ao qual o sujeito se prende por um verbo de ligação, no predicado nominal (= predicativo do sujeito); e aquele que se detém ao objeto, referindo-se ao objeto de um verbo transitivo (= predicativo do objeto), modificando-o. Para sintetizar o termo, o predicativo (do sujeito) pode ser entendido como a informação expressa sobre a entidade codificada como sujeito e ligada a este por meio de um verbo cópula.

Bechara (2010; 2019) propõe que a caracterização tradicional da oração predicativa rotula o predicativo como um complemento verbal, cuja função é determinar a natureza semântico-sintática de um grupo específico de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer* e *permanecer* (= verbos de ligação).

O autor argumenta que, em geral, todo complemento verbal ocorre à direita do verbo, como em *Meu amigo ficou bonito* (exemplo nosso). No caso do predicativo, este difere dos demais complementos, pelo fato de: (a) ser expresso por substantivo,

adjetivo, pronome, numeral ou advérbio, posicionamento este análogo ao de Pestana (2013); (b) concordar com o sujeito em gênero e número, quando flexionável e (c) ser comutado pelo pronome invariável *o*. Em vista dessas particularidades, alguns autores preferem denominar este item como “anexo predicativo”, “predicativo atributivo” ou “atributo predicativo”.

Para Cunha e Cintra (2017), os verbos de ligação servem para estabelecer a união entre duas ou mais palavras ou expressões de valor nominal. Isso implica dizer que esses verbos expressam um elo entre o sujeito e o seu predicativo. Os autores acrescentam que os verbos de ligação, nestas gramáticas, são considerados como indicadores de: *estado permanente, estado transitório, mudança de estado ou a continuidade e aparência de um estado*. Por sua vez, a representação do predicativo pode se manifestar por meio de substantivo ou expressão substantivada, adjetivo ou locução adjetiva, pronome, numeral e oração substantiva predicativa.

No viés descritivo de sua gramática, Mateus e colaboradores (2003) consideram que uma frase copulativa (composta por verbo + predicativo) pode ocorrer à direita do verbo a partir de: sintagma nominal (*o João é médico*), sintagma adjetival (*a Maria está linda*), sintagma preposicionado (*o carro ficou no parque subterrâneo*) e sintagma adverbial (*a praia é perto daqui*).

Castilho (2019) apresenta o predicativo aliado à classe dos adjetivos, para isso, assinala que os predicativos são adjetivos que (i) predicam um substantivo ou uma sentença inteira; (ii) exibem flexão de grau e concordam em gênero e número com o substantivo a que se aplicam. Conforme sua gramática, “os predicativos também são chamados em nossa tradição gramatical de verdadeiros adjetivos, adjetivos prototípicos, adjetivos centrais ou adjetivos atributivos” (Castilho, 2019, p. 516).

De um modo geral, em relação ao predicativo do sujeito, os gramáticos concordam que o adjetivo é o elemento principal na expressão de predicados nominais, como é o caso de Pred_{Fic}, não dispensando a possibilidade de outros elementos ocuparem a posição sintática com função análoga.

Em relação ao verbo *ficar*, esclarecemos que sua etimologia oriunda do latim *figicurelfigere* (= permanecer), além de estar atrelado ao espanhol antigo *fincar* (Nascentes, 1955). Lehmann (2008) aponta que o *ficar* enquanto item verbal assume um percurso que tem raízes proto-românicas do étimo latino *figere*, ibero-românicas do latim vulgar *figicare*, e, por fim, do português antigo que, por meio de um processo fonológico irregular e/ou interferência fonológica do castelhano, formou a variante de *ficar/fincar*.

Como verbo predicativo, *ficar* ganha destaque em dicionários, como os de Carvalho (1957), Ferreira e Luz (1969), dentre outros. Nessas obras, o verbo *ficar* é referido como o item que liga o predicativo ao sujeito. Para tanto, o verbo condensa os sentidos de “estar, permanecer em certa disposição de espírito ou situação”. Em suma, na visão dicionarizada, o verbo denota um estado permanente.

Palomanes (2004; 2007) é uma das primeiras pesquisadoras brasileiras a investigar a expansão de sentidos atribuídos ao verbo *ficar* com base em dados empíricos. Para isso, em seu estudo, numa abordagem cognitiva e funcional, trata do verbo *ficar* pela ótica da polissemia (2004), assinalando que a extensão de seus usos é circunscrita por processos de ordem metafórica e metonímica (fatores motivacionais). Assim, representa este verbo a partir de três sentidos: I) ideia de permanência (no espaço, no tempo e em domínios mais abstratos); II) ideia de mudança de estado (*ficar = tornar-se*), destacando que em ambos, os itens I e II, o *ficar* tem valor de resultativo; e III) (*ficar = namoro curto ou descompromissado*).

A mesma autora (2007), ampliando os estudos do verbo *ficar*, em sua tese de doutorado, realiza uma análise, dessa vez, pelo viés da gramática de construções⁶, acerca das resultativas do português provenientes desse verbo. Seguindo também essa vertente teórica, Santos (2017) focaliza, em sua dissertação, o verbo *ficar* como parte da construção modalizadora [(SUJ) + FICAR DE + INFINITIVO], a exemplo de “a empresa fica de me retornar”⁷.

Convém ressaltar que a frequência e a constância com que o verbo *ficar* é utilizado na língua permitem a realização de diversos estudos e análises dedicados a esse verbo. Observando o Português Europeu, Lehmann (2008) analisa os aspectos históricos relacionados à gramaticalização de *ficar*, além de constatar a passagem deste item de verbo pleno a auxiliar, considerando que o processo de auxiliarização do *ficar* se desenvolveu em construções com gerúndio (*ficou dormindo*). Além disso, é relevante citar que o autor realiza uma descrição minuciosa com variadas possibilidades de uso do verbo *ficar* ocorre, listando importantes padrões sintáticos que aparecem como dependências pós-verbais desse verbo.

Considerando aspectos da predicação com *ficar*, Martins (2012) aponta que uma construção predicativa típica do Português Brasileiro é a pseudo-cópula *ficar*, a qual é acrescida de um sintagma adjetival com a função de núcleo do predicado. Construções dessa natureza têm um aspecto mais durativo e demonstram maior permanência em determinado estado físico. Logo, *ficar* não expressa somente mudança de estado, mas também se destaca por figurar valor durativo/continuativo, além de valor incoativo, ingressivo e imperfectivo, a depender do contexto. Na mesma linha, Ferreira (2019), ao estudar a construção predicativa, apresenta o verbo *ficar* com função de mudança de estado, a qual apresenta aspecto mais transitório e expressa mudanças mais abruptas.

Vieira (2020), em seu estudo sobre a predicação verbal, menciona que a construção predicativa é responsável por licenciar um padrão que condiciona a mudança

⁶ Alguns estudos funcionalistas recentes estão conjugados ao modelo da Gramática de Construções (Cf. Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013 e Rosário, 2022 para mais detalhes).

⁷ Esclarecemos que neste estudo não tratamos desse tipo específico.

de estado. Ela considera que há uma compatibilização do verbo *ficar* associada, prototipicamente, a uma mudança de estado cuja representação é sucedida por um sintagma adjetival de nuance aspectual transitória. A variante *ficar*, portanto, é geralmente associada a proposições em que a representação do estado de coisas envolve um estado psicológico, cuja perspectivação⁸ é mais subjetiva.

Além dos estudos citados, merecem menção as pesquisas de Viviani (1987), que enfoca a polissemia de *ficar* à luz da gramática de casos; Rebelo e Osório (2006), que focalizam os usos do *ficar* à luz de um enquadramento funcional; Rebouças (2019; 2021), que aborda a semântica do *ficar* em construções progressivas; Constancio (2020), que formula uma rede construcional do *ficar* pelo viés linguístico-cognitivo, e Brito (2021), que defende o uso semântico-enunciativo do *ficar* no português do Brasil.

Os estudos brevemente resenhados apontam perspectivas sobre Pred_{Fic} e fornecem pistas e suporte para a verificação desse objeto de estudo no *corpus* sob análise.

Fundamentação teórica

A pesquisa segue uma orientação teórica de base funcionalista. Como em Linguística o rótulo Funcionalismo abarca diferentes paradigmas teóricos, destaca-se que aqui é adotada a vertente Norte-americana, mais especificamente na sua forma clássica. Compreende-se por clássica a corrente funcionalista surgida na Costa Oeste dos Estados Unidos, na década de 70, sem a recente incorporação da visão construcionista (Furtado Da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Pinheiro; Ferrari, 2020; Furtado Da Cunha, 2023).

Sob essa perspectiva, concebe-se a língua como um sistema de interação social relativamente estável, na medida em que, por meio dos eventos sociointeracionais cotidianos, isto é, dos usos, a língua (re)estrutura padrões de regularidade sistêmica. Nesse sentido, a gramática é concebida como inseparável do discurso, visto que sua forma é por ele modelada. O discurso é, então, compreendido “como um conjunto de estratégias que caracteriza o processamento da cadeia verbal em uma determinada situação de comunicação (Votre *et al.*, 1998, p. 46)”, operando, por meio da rotinização de formas linguísticas, como a força motriz responsável por (des)estabilizar a gramática. Desse modo, partindo-se da premissa de que os usos da língua fundam a gramática da língua, postula-se a noção de “gramática emergente” (Hopper, 1987). Como bem diz Tavares (2012, p. 34),

na constituição do discurso, temos, por um lado, a repetição de construções gramaticais já rotinizadas, reforçando-se cada vez mais sua regularização. Essa é a

⁸ A *perspectivação* diz respeito à atenção direcionada sobre um evento referencial e se relaciona com a focalização de determinados aspectos ou um ponto de vista de uma cena (Tomasello, 1998).

gramática em sua face mais habitual, aquela que tende ao reaparecimento na fala de diversos indivíduos. Por outro lado, a gramática pode emergir diferente a cada vez que é usada, pois as construções gramaticais são suscetíveis ao rearranjo e à remodelação a cada situação comunicativa.

A concepção de língua assumida pressupõe, ainda, que subjazem à simbiose entre discurso e gramática princípios de natureza cognitiva e pragmática. No Funcionalismo Norte-americano, advoga-se que a cognição e a pragmática devem estar na ordem do dia da investigação linguística, uma vez que aspectos formais aparentemente arbitrários podem ter suas motivações desveladas sob uma perspectiva cognitivo-funcional. Entre as principais noções teóricas que se encontram assumidas no presente estudo, estão: o *Princípio de Iconicidade*, o *Princípio de Marcação*, a *Prototipicidade* e a *(Inter)subjetividade*.

De acordo com o *Princípio de Iconicidade*, podem ser verificadas relações de semelhança entre a codificação dos enunciados e os conteúdos expressos, e isso evidencia a ocorrência de vínculos entre a organização mental das informações e a materialidade da língua, revelando motivações semântico-cognitivas para os arranjos morfossintáticos empregados nos eventos comunicativos. A abordagem funcional da gramática se fundamenta no postulado de que o sistema linguístico é motivadamente adaptável e, assim sendo, é, em princípio, não-arbitrário (Givón, 2001). Isso não significa uma negação radical da arbitrariedade, mas, sim, uma relativização da noção, haja vista que formas linguísticas consideradas arbitrárias podem, com o passar do tempo, ter tido a motivação que lhes deu origem apagada da consciência linguística dos usuários da língua ou, se submetidas a um olhar funcionalista, revelar motivações que lhes são subjacentes.

A posição funcionalista de que a língua é icônica ao invés de arbitrária não se prende a uma visão isomórfica nem imagética da relação entre forma e significado. É, portanto, rejeitado o isomorfismo tal como postulado por Bolinger (1997), para quem as línguas prezam por relacionar uma única forma a um único significado. Quanto à ideia de iconicidade imagética, ela dá lugar à noção de iconicidade diagramática, porque compreende-se que o caráter icônico da língua se revela nos arranjos gramaticais da codificação linguística, e não no possível espelhamento de referentes na forma linguística (Haiman, 1985). Do ponto de vista diagramático, a iconicidade manifesta-se *na linearidade, na quantidade e na proximidade* que o material linguístico apresenta nas estruturas codificadas pelos falantes/escreventes dentro das situações comunicativas (Ungerer; Schmid, 1996; Givón, 2001; Delbecq, 2006).

Ocorre *linearidade icônica* quando a codificação linguística se ordena na mesma sequência lógico-temporal na qual se deram os acontecimentos comunicados ou se ordena de modo que a informação principal vem primeiro. O que determina a sucessão dos eventos dentro do arranjo gramatical é a sequencialidade ou a importância do

conteúdo expresso pelas formas linguísticas, e não uma regra do sistema. A motivação é, então, evidenciada por espelhamento da sucessão dos eventos no ordenamento linguístico que os codifica ou por anteposição sintática de constituintes cuja informação tem maior relevância (Givón, 1995).

No que diz respeito à *quantidade icônica*, ela é verificada na correlação entre a quantidade de material linguístico e a quantidade de informações codificadas. As línguas tendem a prezar por uma relação proporcional entre forma e conteúdo. Daí que a codificação costuma ser mais extensa para comunicar mais e menos extensa para comunicar menos. A motivação se revela no fato de que só é linguisticamente expresso aquilo que se faz necessário expressar. Nesse sentido, informações previsíveis, já dadas ou irrelevantes tendem a não receber ou a receber menos materialidade linguística (Givón, 1995).

Quanto à *proximidade icônica*, dá-se pela correlação entre a integração conceptual dos conteúdos expressos e a integração morfossintática da expressão linguística. A mente humana estabelece relações entre as ideias, percebendo-as com diferentes graus de vinculação. Desse modo, ocorre que a força do vínculo cognitivamente percebido entre entidades ou eventos costuma determinar quão integradas sintático-semanticamente estarão as partes do arranjo gramatical. Há proximidade conceptual entre duas ideias, e, portanto, motivação icônica, quando elas possuem características semânticas, propriedades ou partes em comum, afetam-se mutuamente, são factualmente inseparáveis ou são percebidas como uma unidade (Haiman, 1985).

Com origem na Linguística Estrutural, o *Princípio de Marcação* tem a ver com o fato de as estruturas linguísticas poderem apresentar-se com comportamento binário entre *formas marcadas* ou *não-marcadas*. Vista sob essa perspectiva, a marcação se caracteriza pela presença ou ausência de alguma propriedade estrutural em um par contrastivo. Considera-se, pois, elemento linguístico marcado aquele que de outro contrastivamente se diferencia por carregar algum aspecto estrutural distintivo.

Todavia, sob a perspectiva funcionalista, a marcação é concebida para além da presença de aspecto estrutural distintivo. São postulados os três seguintes importantes critérios: *complexidade estrutural*, *distribuição de frequência* e *complexidade cognitiva* (Givón, 1995). A complexidade estrutural é a tendência de as estruturas marcadas serem maiores do que as não-marcadas. A distribuição de frequência diz respeito à tendência de as categorias marcadas serem menos frequentes e cognitivamente mais salientes do que as não-marcadas. A complexidade cognitiva tem a ver com a tendência de as categorias marcadas se mostrarem cognitivamente mais complexas, requerendo, em comparação às não-marcadas, maior esforço mental, atenção e tempo de processamento. Faz-se, ainda, importante salientar que os estudos funcionalistas reviram a dicotomia implicada na binaridade marcado *vs* não-marcado, passando a conceber o fenômeno da marcação como gradiente (Furtado Da Cunha; Costa; Cezario, 2003; Furtado Da Cunha; Bispo; Silva, 2013), e é essa a visão aqui adotada.

A *Prototipicidade* está diretamente relacionada à visão de categorização admitida pela perspectiva funcionalista. O Funcionalismo adota a noção de prototipicidade e parte da premissa de que as categorias linguísticas não são discretas (Givón, 1995; 2001), opondo-se ao modelo clássico platônico. No modelo clássico, o membro de uma categoria é definido pela posse ou não-posse de critérios necessários e suficientes para sua inclusão ou exclusão (Givón, 1986). A partir da noção de prototipicidade, a categorização é concebida como um fenômeno gradiente, e não dicotômico, ou seja, não se pensa as categorias enquanto caixas nas quais não possam ser colocados elementos possuidores de certo grau de diferença entre si. De acordo com a Teoria dos Protótipos (Rosch, 1975), a mente humana é capaz de compreender entidades concretas ou abstratas como pertencentes a uma mesma categoria sem que elas compartilhem exatamente as mesmas características. Daí que as coisas do mundo físico ou imaginário, a despeito de determinadas diferenças que possuam, podem ser mentalmente agrupadas numa mesma categoria, de modo que o membro com maior número de características definidoras da categoria é percebido como o mais representativo dela – o protótipo –, enquanto que os demais são percebidos como seus membros intermediários ou periféricos. Como bem afirma Delbecque (2006, p. 35), “uma vez inscritas numa língua, as categorias conceptuais tornam-se categorias linguísticas (...)”.

A *(inter)subjetividade* refere-se a aspectos linguísticos e sociointeracionais da atividade discursiva. Nos eventos comunicativos, os locutores podem ter diferentes atitudes em relação ao que enunciam. Embora a objetividade absoluta não seja possível (Oliveira, 2022), os usos da língua, a depender da cena pragmática em que se dão, podem caracterizar-se como mais objetivos ou menos objetivos. A diminuição do grau de objetividade implica o aumento do grau de subjetividade ou *(inter)subjetividade*. São, portanto, mecanismos alternantes (Traugott, 2010). O esquema⁹ de Traugott e Dasher (2002), replicado em Traugott (2010), ilustra bem a gradação mencionada: não-/menos subjetivo > subjetivo > intersubjetivo. Os níveis do esquema encontram-se diretamente relacionados ao grau de *(inter)personalidade* que o locutor confere ao seu discurso, podendo ele assumir uma postura mais neutra (menos subjetivo), deixar mais explícita sua presença no dito (subjetivo) ou deixar mais explícito o seu desejo de fazer o interlocutor convergir para o dito, buscando obter dele interesse, adesão ou compartilhamento (intersubjetivo).

É oportuno mencionar que Santos (2023, p. 42) recorre a Tantucci (2021) para explicar um refinamento relacionado ao princípio da *(inter)subjetividade*. Tal fenômeno não acontece apenas em razão do compartilhamento de conhecimento; se estende à elaboração conjunta de significados. Há, portanto, uma relação gradual

⁹ No original: non-/less subjective > subjective > intersubjective.

entre atos linguísticos baseados na consciência intersubjetiva de interlocutores específicos – a intersubjetividade imediata (I-I) e os atos linguísticos fundamentados em uma consciência de cognição social e intencionalidade coletiva – (inter)subjetividade estendida (E-I) (Tantucci, 2021, p. 15).

Dessa forma, defende-se (*Ibid.*, p.15) a existência de um *continuum* semântico-pragmático que abrange desde a interação humana orientada para fins egocêntricos (co-acionabilidade), passando pela interação que inclui a consciência das emoções e/ou crenças de um sujeito específico (I-I), até a interação progressivamente sofisticada baseada na interpretação coletiva de valores sociais, convenções e instituições (E-I).

Pred_{Fic} sob uma ótica funcional: análise de dados da rede X

Nesta seção, lançamos luz aos achados de Pred_{Fic} provenientes da rede X, a fim de atender ao propósito deste artigo¹⁰. Organizamos a seção considerando apontamentos sobre os aspectos formais e, na sequência, funcionais. Entendemos que, no polo formal, estão as notas relacionadas aos aspectos morfológicos e sintáticos; no polo funcional, estão parâmetros semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos.

O enquadre sintático de Pred_{Fic} estabelece uma organização que pode ser observada em (1-2) e compreendida a partir da representação na Figura 1, a seguir:

1. Vendo o pessoal do #horadovt falando de bingo me lembrou que a minha avó era MUITO bingueira. E quando tinha que cuidar de mim, me levava pros bingo junto. KKKK Até uma hora que eu comecei a ganhar demais e **ela ficou brava**, então nunca mais me levou.
2. Fiuk? Já o entrevistei e **fiquei chocada**. Uma pergunta da pauta era sobre literatura e livros favoritos. Resposta dele: - Eu não gosto de ler. Se eu li 4 livros a vida inteira, foi muito. Ainda mais depois que fiquei famoso... Triste.

A organização sintática em (1) e (2) é exemplar do que geralmente ocorre na expressão de uma oração predicativa nominal com o verbo *ficar*. Há o ordenamento do sujeito (*ela* / \emptyset), com o preenchimento pelo Sintagma Nominal (SN), que pode ser realizado lexicalmente, todavia nos casos em tela se apresentam como na forma pronominal (1) ou mesmo anafórica (2); na sequência, verbo cópula (*ficou/fiquei*, respectivamente) acrescido de um modificador na função de predicativo do sujeito

¹⁰ Todas as ocorrências apresentadas neste estudo são provenientes da rede X. Optamos por não disponibilizar os links, a fim de preservar a identidade e a privacidade, conforme previsto no Art. 5º da Constituição Federal de 1988, inciso X. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm.

(*brava/chocada*) preferencialmente um Sintagma Adjetival (SAdj), como em (1) e (2), tal qual pode ser representado na Figura 1:

SUJ	FICAR	PRED _{SUJ}
SN	V	SAdj

Figura 1 – Representação sintática de uma oração predicativa nominal com o verbo *ficar*.

Fonte: Autoria própria

Ao examinar os dados coletados, deparamo-nos com a expressão do sujeito em termos de SN lexicalmente expresso, SN com pronome, e SN anafórico (zero), conforme a frequência apresentada na Tabela 1:

Tabela 1 – Configuração morfossintática do sujeito

Types	Frequência	
<i>Sujeito</i>	<i>Tokens</i>	<i>Percentual</i>
SN zero anafórico	258	55,14 %
SN pronominal	179	38,24%
SN lexical	31	6,62%
Total	468	100 %

Fonte: Autoria própria

De acordo com as ocorrências analisadas, observamos alta frequência de posição sintática do sujeito com o respectivo apagamento, isto é, o sujeito tende a ser zero anafórico (55,14%), retomado a partir da expressão de pronome (38,24%) e, com menor frequência, lexicalmente realizado (6,62%). Algumas razões para tal podem ser levantadas: (i) a marcação do sujeito está presente na forma verbal, sendo este previsível a partir da desinência número-pessoal, tal qual em (2); (ii) o fato de a entidade que refere o sujeito poder ser recuperada do próprio entorno oracional, como poderá se observar em (4), a seguir; (iii) o gênero textual/discursivo *post/tweet* favorece o discurso egocêntrico, expresso por meio da primeira pessoa do singular, na medida em que pressupõe um espaço em que o usuário da conta tende a expressar informações sobre si; (iv) a tendência do sujeito, como tópico oracional, ser apagado ou anaforicamente realizado por pronome na manifestação interacional, o que já está preconizado na literatura linguística de natureza funcionalista.

Em relação à codificação morfossintática do predicativo do sujeito, os dados apresentam resultados que incluem elementos distintos ocupando essa posição. De um modo geral, as unidades recrutadas para a posição funcionam como modificadores

do referente licenciado na posição de sujeito. A literatura gramatical e linguística reconhece que o adjetivo é o elemento que, de certo modo, expressa a natureza da predicação de modo mais saliente. Neves (2018) explica que o adjetivo, quando nessa função, atribui uma propriedade singular ao substantivo/sujeito. Para Castilho (2019), ocorre um movimento que envolve o atributo evocado pelo predicativo do sujeito incidir/deslocar-se *sobre* e *para* o seu escopo, nesse caso, o próprio sujeito da predicação nominal.

De fato, ao confrontarmos os dados, averiguamos que adjetivos são mais frequentes, como se pode notar os adjetivos *brava* e *chocada* em (1) e (2), respectivamente. Todavia, é curioso como a função de predicativo do sujeito recruta outros elementos linguísticos, como os que são flagrados nos usos observados, tal qual demonstrados nas amostras (3-7):

3. Eu tenho fobia social e quando **fico com muita vergonha** acabo falando um capirês e bom dia de vó no zap fazia tanto tempo que não via gente que falei assim pra moça uai prazer em conhecer ocê viu tudibão tenha uma semana bençoada pr'ocê e toda sua família fica com deus.
4. A cada dia que passa **eu e minha família ficamos mais em paz...** só agradecer por lidar tão bem com algo tão tão difícil, a gente não tinha noção de que tínhamos essa força toda!!!
5. O capitão @jairbolsonaro deve primeiramente parar de dar atenção no portão de entrada do alvorada, quer dar uma atenção ao povo que ali vai, faça dentro do alvorada, fazendo isso, **esses carneiros da imprensa ficarão a ver navios!**
6. Ter uma decepção muito grande e quebrar a cara me desmotivou de confiar nas pessoas, sempre **ficarei com um pé atrás.**
7. Por mais que eu não seja muito fã da nova geração de Monster High, as bonecas não deixaram a desejar (pelo que eu tô vendo nas fotos) e a **Draculaura gordinha ficou um amor.**

A empiria confirma que é possível na posição, e conseqüente função, de predicativo do sujeito recrutar os seguintes *types*:

- i. uma locução adjetiva composta por preposição + substantivo ou equivalente, com função de modificador (Bechara, 2019), tal qual pode ser observado em (3), na expressão *com muita vergonha*, cuja codificação inclui ainda um intensificador (*muita*). A locução adjetiva é facilmente recrutada em orações predicativas, podendo ser, em muitos casos inclusive, comutada por um adjetivo (no caso em específico, *envergonhada*). Todavia, vale salientar que

nem sempre a correlação entre adjetivo/locução adjetiva é possível, uma vez que há fatores diversos que podem influenciar a escolha por um ou outro elemento¹¹, daí a necessidade de se averiguar aqui essa codificação.

- ii. uma locução adverbial constituída por preposição + substantivo ou equivalente, com emprego de advérbio (Bechara, 2019), como se pode notar em *mais em paz* (4). Na mesma linha, o advérbio pode ser previsto como em *João ficou mal/bem*.
- iii. uma expressão idiomática, isto é, uma “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural⁴⁷” (Xatara, 2001, p. 170), de extensões variadas. Nos casos em (5) e (6), nota-se os idiomatismos *ficar a ver navios*/ *ficar com um pé atrás*, que se decompostos estruturalmente são formados por: *verbo + preposição + verbo + substantivo* em (5) e *verbo + preposição + substantivo + advérbio* em (6). Especificamente, nesses casos, observa-se que o verbo *ficar* funde-se com os elementos seguintes, formando uma unidade de sentido (um *chunk*, na literatura funcionalista). Esses *chunks* podem formar idiomatismos, como os casos apresentados, os quais possuem significação específica culturalmente, não previsíveis pela soma de suas partes, e podem ter configuração formal variada. Em virtude de sua considerável frequência nas orações predicativas examinadas e da função expressar um estado relacionado à entidade referida pelo sujeito estão arrolados aqui.
- iv. um substantivo ou expressões nominais com substantivos com qualificação ou não de adjetivo subsequente (Neves, 2011), como em *um amor* (7).

Considerando o *corpus* consultado para esta pesquisa (468 ocorrências), os achados sobre a configuração morfossintática do predicativo do sujeito estão sumarizados em relação à frequência *type* e *token* na Tabela 2. Estão incluídas amostras que se enquadram em cada um dos *types* (adjetivo, locução adjetiva, locução adverbial, expressão nominal, advérbio). Acrescentamos, ainda, os idiomatismos formados a partir de *chunks* com o verbo *ficar*.

¹¹ Para mais detalhes, sugerimos consultar Dantas (2015).

Tabela 2 – Configuração morfossintática do predicativo do sujeito

Types	Frequência		Exemplo de ocorrência
	Tokens	Percentual	
Predicativo do Sujeito			
Adjetivo	276	59 %	<i>ela ficou brava</i>
Locução adjetiva	26	5,55 %	<i>fico com muita vergonha</i>
Locução adverbial	22	4,70 %	<i>eu e minha família ficamos mais em paz</i>
Expressão nominal	10	2,13 %	<i>Draculaura gordinha ficou um amor</i>
Advérbio	8	1,70 %	<i>sofri tanto na mão dos outros, mais também lembro que eu superei e fiquei bem</i>
Composições idiomáticas a partir de <i>chunks</i> ¹²	126	26,92 %	<i>esses carneiros da imprensa ficarão a ver navios!</i>
Total	468	100 %	–

Fonte: Autoria própria.

De acordo com as ocorrências no material analisado, a expressão do predicativo do sujeito em termos formais inclui unidades de natureza variada. Depois da alta frequência do adjetivo (59%), observamos a considerável frequência de composições idiomáticas com *ficar* que expressam estado (26,92%), locução adjetiva (5,55%), locução adverbial (4,70%), expressão nominal (2,13) e advérbio (1,70%). Para Silva (2020), o adjetivo é um recurso linguístico usado para expressar uma modificação situada na conceitualização de um elemento referencial ou de um segmento discursivo, nesse último caso, verbalizado por um enunciado ou por um bloco textual mais amplo. No caso de Pred_{Fic}, isto parece ocorrer: o adjetivo atua como um modificador do segmento oracional, incidindo sobre o referente do sujeito.

Com a proeminente recorrência do adjetivo na função de predicativo do sujeito, podemos apontar, à luz dos pressupostos funcionalistas, que esse elemento é mais integrado ao referente do sujeito, ocorrendo geralmente imediatamente após o verbo

¹² Compreendemos que uma expressão idiomática pode ter natureza morfossintática diversa, por esse motivo, arrolamos as expressões nessa tabela sob esse rótulo apenas para fins didáticos.

(80,80%). Em alguns casos (19,20%), há a ocorrência de um intensificador antes do adjetivo (como em *ela ficou muito brava*), atenuando, assim, a integração entre adjetivo e referente do sujeito.

Esse resultado ilustra o subprincípio de complexidade estrutural, uma vez que ressalta, portanto, a tendência de o adjetivo ser a forma menos marcada para predicativo do sujeito. Isso também pode ser corroborado pela alta frequência do adjetivo nas amostras consultadas. Tal configuração evidencia, ainda, o princípio da iconicidade, pois, ao conter menos forma, o adjetivo representa menor quantidade de informação se comparado com outras manifestações do predicativo do sujeito, como locuções e expressões substantivas. Outro ponto ilustrativo da iconicidade é o fato de que a proximidade morfossintática entre adjetivo e verbo espelha a integração desse conteúdo em termos cognitivos, na medida em que há tendência do que está mentalmente junto colocar-se sintaticamente junto (Furtado da Cunha, 2001) e, também, revela o princípio de marcação, pois a estrutura não marcada demanda menos complexidade cognitiva (esforço mental e tempo de processamento, por exemplo) do que estruturas mais marcadas.

Na esteira disso, também são notados os casos em que a iconicidade se manifesta com tal grau de integração que as unidades formam uma unidade mais complexa, como é o caso dos *chunks* formados com o verbo *ficar* (*ficar a ver navios, ficar com um pé atrás, ficar de boa*). Acreditamos que, nesses casos, toda a expressão representa a predicação atribuída ao referente do sujeito.

A partir da expressão do elemento menos marcado (adjetivo), os demais elementos na posição de predicativo do sujeito são licenciados, seguindo o mesmo propósito. A razão para isso pode estar atrelada ao fato de que categorias como adjetivo, substantivo e advérbio guardam estreita relação por motivos vários (Perini, 1997; Neves, 1997; Hopper, Traugott, 2003), distinguindo-se em geral em virtude de sua função nos contextos comunicativos. Além disso, a fronteira entre uma categoria e outra, em muitos casos, é difusa e sibilina, uma vez que as categorias possuem fluidez e contornos pouco nítidos, logo a transição entre as categorias é gradual, conforme previsto na literatura funcionalista (Givón, 1995; Brinton; Traugott, 2006). Desse modo, podemos compreender a manifestação do predicativo do sujeito, em termos morfossintáticos, como um *continuum* que engloba o adjetivo como eixo categorial central, mais prototípico, enquanto os demais elementos o margeiam. Para ilustrar isso, propomos a seguinte representação:

Predicativo do sujeito

Figura 2 – Representação de *continuum* de elementos na função de predicativo do sujeito

Fonte: Autoria própria

A Figura 2 representa as categorias manifestas no *corpus* analisado. Observamos sua distribuição no *continuum* horizontal com expressão de nuance de cor que se espalha do centro, onde está o adjetivo, sinalizado em tom mais forte, para as margens sem um contorno nítido, em tom mais suave, ao passo que mantém as extremidades em aberto. Entendemos que essa representação não é exaustiva, pois engloba apenas os casos flagrados nas amostras coletadas na plataforma *X* com os critérios de controle metodológico estabelecidos para este estudo. Vale lembrar que é previsto na literatura gramatical a ocorrência de casos em que o predicativo do sujeito pode ser expresso por uma oração¹³, daí a necessidade da representação em aberto.

Como objetivo desta pesquisa, buscamos compreender aspectos funcionais relacionados à manifestação discursiva de Pred_{Fic} , sobre os quais debruçamo-nos a partir deste ponto.

Ao examinar a natureza semântica do Sintagma Nominal na posição de sujeito das orações predicativas, concentramo-nos em dois aspectos: animacidade e papel semântico. No primeiro caso, verificamos que este tende a apresentar os traços semântico-discursivos de [+] animado e [+] humano. Nos dados analisados, essa representação ocorre em 98% das ocorrências, como (*eu* = locutor) em (4) *Eu tenho fobia social e quando fico com muita vergonha acabo falando um capirês*, ao passo que observamos 2% das ocorrências com entidades [-] animadas e [-] humanas, como em (7) *Draculaura gordinha ficou um amor*.

Podemos compreender como [+] animado entidades representativas de seres vivos com mobilidade voluntária, como (*eu e minha família*); por outro lado, seres não vivos e destituídos de mobilidade voluntária são tomados como [-] animado (como a boneca *Draculaura gordinha*).

O motivo pelo qual a animacidade é relevante se dá pelo fato de que esse traço sugere, de acordo com Comrie (1989), uma categoria conceptual universal. A clássica hierarquia de animacidade *humano > animal > inanimado* espelha a razão pela qual certos tipos de entidades (coisas que se movem, tem força e iniciam ações) são mais facilmente selecionadas como tópico de conversação do que outras (Payne, 1997). De acordo com as ocorrências levantadas, observamos uma posição alta na escala de animacidade, [+] animado/humano.

¹³ Para este artigo, não tratamos de dados oracionais.

Em relação ao papel temático do SN sujeito, observamos que este tende a se comportar como uma entidade que se encontra ou vivencia uma determinada experiência psicológica, daí ser considerado um *experenciador estativo* (Moreira, 2000).

De acordo com Chafe (1970, p 149), denomina-se *experenciador* uma entidade que, de certo modo, “está mentalmente disposta e sofre um evento psicológico de sensação, emoção ou cognição”, muito próximo de um *paciente* (Cançado, 1995), que tende a sofrer uma mudança física, de estado ou de localização a partir de uma ação específica. Regularmente, o papel temático de *experenciador* é associado a verbos de cognição e processo, enquanto o *paciente* está mais próximo de verbos de ação-processo (Borba, 2002). Todavia, os dados assinalam que os eventos denotados por Pred_{Fic} tendem a espelhar uma mudança de estado psicológico, o que coloca o verbo *ficar* nesses casos na fronteira entre um estado e um processo, por essa razão, o rótulo *experenciador estativo* foi recrutado. A decodificação dos dados apontou ser este o papel mais frequente, conforme se observa em:

5. Olha só: menstruação é um incômodo infinito. Acho uma doidice esse negócio de artista fazendo foto, ilustração, sei lá o que + sobre isso Detesto estar de bode. **Fico mal, dolorida, desconfortável, sensível.** É uma bosta.

A ocorrência reflete uma situação em que a informante explica como a menstruação modifica o seu estado psicológico (*mal/sensível*) e biofísico (*doloridal desconfortável*). É possível notar que nesse caso de expressão de Pred_{Fic}, enquanto o período menstrual se apresenta, a informante vivencia esse inoportuno estado de desconforto. O papel temático de *experenciador estativo* é o mais recorrente nos dados consultados, como se pode averiguar na Tabela 3 a seguir:

Tabela 3 – Configuração dos papéis semânticos.

Types	Frequência	
	Tokens	Percentual
<i>Papéis semânticos</i>		
Experenciador estativo	459	98,07%
Objetivo	6	1,28 %
Paciente	3	0,64 %
Total	468	100 %

Fonte: Autoria própria.

A alta frequência do papel temático de *experenciador estativo* (98,07%) salienta que esse tipo de configuração parece ser o exemplar nas orações predicativas com o verbo *ficar*. Flagramos a ocorrência, em escala muito inferior, dos papéis temáticos de *objetivo* e *paciente*, como podemos notar em:

6. ontem eu e a babs colocamos as musicas que marcaram nossa amizade e **ficamos deitadinhas juntas**, ouvindo e curtindo o momento, lembrando de momentos e de todas as coisas que vivemos juntas eu sou mto sortuda d ter encontrado ela e eu tenho orgulho de ver como crescemos juntas
7. Em pouco tempo, o Brasil se transformou em um lugar onde o churrasco é proibido, **a cerveja e o cigarro ficarão caríssimos**, a parte boa do sexo é a abstinência, só toca sertanejo nas rádios e o carnaval é gospel. E vocês achando que o inferno não existe...

Na amostra (9), evidenciamos que, embora o sujeito esteja não realizado lexicalmente em Pred_{Fic} , está expresso em oração anterior (*eu e babs*). Observamos que a entidade referenciada na posição de sujeito expressa o fato de que as duas pessoas ficaram *deitadas juntas*, evidenciando uma mudança do corpo em relação à postura (não de pé, mas deitado). Nesse tipo de situação em que há uma mudança biofísica/ de localização, consideramos o papel temático do sujeito como *paciente*, pois este pode ser tomado como “uma entidade que se move ou sofre mudança de um estado, condição ou posição para outro estado, condição ou posição” (Chafe, 1970, p. 100).

Os papéis semânticos de *experienciador estativo* e *paciente* estão atrelados aos traços semânticos de [+] animado e [+] humano, mais proeminentes no *corpus* consultado. Considerando as amostras (8-9) aqui apresentadas, é notável que se trata de seres humanos expressando um estado mais psicológico (8), *Fico mal, dolorida, desconfortável, sensível*, e mais físico em (9), *ficamos deitadinhas juntas*.

Todavia, há casos em que Pred_{Fic} ocorre com papel semântico que pode evidenciar traço de mudança, mas não do mesmo tipo que ocorre com o *experienciador estativo* e o *paciente*. Para ocorrências como (10), no qual uma entidade inanimada (*a cerveja e o cigarro*, no caso) pode modificar sua condição, direcionamos o rótulo *objetivo* (Cançado, 2008). A razão para tal é que esse rótulo pode abrigar “uma entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo, ou seja afetada por algo” (p. 112), desse modo aplicamos o rótulo nos casos de elementos com traço [-] animado/humano que, por consequência, não tem a possibilidade experimentar um estado psicológico; e ainda se diferencia do paciente que é [+] animado/humano.

Nas ocorrências consultadas, a expressão de estados [+] psicológicos corresponde a 99,07%, ao passo que estados [+] físicos tem percentual de frequência de 1,93%. Nesse ponto, cabe ressaltar que a manifestação discursiva de Pred_{Fic} sugere estados que não são permanentes, como ocorre em orações com outros tipos de verbos de ligação.

Tradicionalmente, associam-se aos verbos de natureza estativa situações durativas em que não há uma progressão no tempo nem há um resultado definido. Em termos aspectuais, são verbos não dinâmicos e atéticos (Vendler, 1967). Por outro lado, no campo funcionalista, Givón (2001) esclarece que há estados inerentes e estados

temporários, sobre os quais o autor acrescenta: “alguns estados temporários podem ser mentais e, portanto, podem ser experimentados por um humano ou animado (p. 121, tradução nossa)”¹⁴. Evidências de dados em uso como nos achados de Palomanes (2007), Ferreira (2019), Vieira (2020), bem como neste estudo, corroboram a afirmação givoniana. Um exemplo disso pode ser observado em:

8. A alegria do pobre durando pouco. Abri o app da conta e tinha um dinheiro sobrando, **fiquei felizona** e comprei umas coisas. Agora que eu fui ver que o dinheiro era de uma conta que eu esqueci de pagar.

A ocorrência (11) assinala justamente um estado transitório em que, ao encontrar dinheiro na conta bancária, a falante declara que ficou em estado de felicidade até o momento em que se lembrou que esquecera de pagar uma conta, ou seja, a lembrança pôs fim ao estado inicial (*felizona*). Esse tipo de mudança ocorre com maior frequência nos dados analisados (99%), estando à margem casos (1,0%) em que não há possibilidade de retornar ao estado inicial, como em:

9. Vim pra BH cheia de planos e apostas. Volto (em 2 dias) pra casa com o coração doendo como há muito tempo não doía. Estranho que qdo dói, mesmo, a dor é até física, né? **A gente fica velho**, mas não aprende com os sucessivos tombos, e ainda se torna impaciente.

A reflexão feita pelo falante é de que nós, em determinado momento, alcançamos o estágio da velhice (*a gente fica velho*), do qual é impossível o retorno à juventude em termos etários. Estados de natureza mais permanente são menos frequentes nos dados de uso e na literatura, sugerindo casos mais marcados.

Ampliando a análise de $Pred_{Fic}$ para o entorno oracional, verificamos, ainda, a manifestação do estado em relação ao evento que o motiva, a fim de averiguar se havia alguma razão subjacente à escolha da expressão do estado e do motivo. Os resultados deste parâmetro estão na Tabela 4 a seguir:

Tabela 4 – Relação estado/motivo.

Types	Frequência	
	Tokens	Percentual
Expressão do estado		
Posterior ao evento motivador	257	55 %
Anterior ao evento motivador	211	45 %
Total	468	100 %

Fonte: Autoria própria.

¹⁴ “Some temporary states, further, may be mental, and thus can be experienced by a human (or animate)”.

Conforme se pode notar, 55% das ocorrências apresentam o evento motivador e, em seguida, a expressão do estado $Pred_{fic}$ tal qual em (13), cujo motivo da surpresa foi um professor ter uma iniciativa específica em sala de aula. Já 45% tendem a expressar primeiramente o estado para, na sequência, exibir o evento motivador, como em (14).

10. NEGRO DRAMA. Professor de geografia chegou na sala com um sonzinho, colocou o CD, a gente ouviu e **ficamos de boca aberta**. Todo mundo em choque. Silêncio por uns 15 min (todo mundo refletindo). Depois ele começou a aula sobre exclusão social. Obs. Tínhamos uns 11-12 anos.
11. **Fico de cara** de gente que dá truque nas marcas e ainda fecha trabalho até hoje.

Consideramos que, nesses casos, há dois aspectos envolvidos: o primeiro, de natureza interacional e cognitiva, relaciona-se ao fato de o falante da língua selecionar a informação que pretende enfatizar para o seu interlocutor, imprimindo um tom de prioridade ao estado ou ao evento motivador quando ocupam o primeiro lugar na cadeia de informações. Isso sugere o subprincípio da ordenação linear, no qual a informação mais proeminente reside no primeiro segmento da cadeia sintática e reflete maior importância para o falante, manifestando a iconicidade (Furtado da Cunha, 2001). A segunda razão pode estar associada a aspectos estilísticos que podem envolver o objetivo de proporcionar surpresa, conferir tom de humor ou outro.

Em relação ainda a aspectos sociointeracionais, notamos, no material analisado, uma tendência de $Pred_{fic}$ à *(inter)subjetividade*, com a intenção de expressar pontos de vista e valores dos usuários da língua e fazer o interlocutor, leitor, presumido que também se manifesta na Rede X, aderir ao que está sendo dito. Uma questão interessante da interação em plataformas digitais é o fato de a adesão do outro se manifestar, em muitos casos, por meio do compartilhamento de um *post* ou da simples curtida¹⁵, o que revela o envolvimento do interlocutor na própria construção dos significados. Vejamos algumas ocorrências:

12. Em 2008, um biólogo português encontrou fotos da rua na internet e publicou em seu blog como “a rua mais bonita do mundo”. O apelido fez **a rua ficar famosa** mundialmente e hoje é um dos pontos turísticos da cidade.
13. demorei horrores da desenvolver a dissertação pq **fiquei super travada** desanimada e em crise com meu projeto tudo q eu queria era q acabasse logo o inferno agora já estou triste e saudosa pensando aki nos futuros projetinhos.

¹⁵ Ato de sinalizar concordância por meio de clique em símbolo de coração, na Rede X, manifestando a adesão de algum modo do interlocutor.

14. **Pô, fico magoada** com quem marca de sair comigo e depois desmarca por seja lá qual for o motivo mas aí eu vou ver story e ta com outra pessoa. Então nem me chama, carai, se for pra fazer um trem desses...

O excerto em (15) sinaliza um certo distanciamento do falante quanto ao conteúdo referido, isto é, o que está sendo dito é mais impessoal e não apresenta pistas de envolvimento do próprio falante, na medida em que há a descrição de um conteúdo relacionado a uma rua e a razão de sua fama, com marca linguística de terceira pessoa do discurso, salientando [-] subjetividade/[-] pessoalidade. Ocorre em (16), por sua vez, uma expressão de [+] subjetividade/[+] pessoalidade, refletida na oração *fiquei super travada* e ratificada pelo entorno oracional. Nesse caso, o falante expressa sua própria experiência, marcada pela primeira pessoa do discurso (*eu*), codificada na forma verbal *fiquei* (e ainda, *demorei, queria, estou*). Em (17), observamos uma mescla entre um conteúdo mais subjetivo e intersubjetivo. O locutor anuncia que experiencia o sentimento de mágoa (*Pô, fico magoada com quem marca de sair comigo e depois desmarca*), o que confere tom mais subjetivo ao dito. Na sequência, convoca o interlocutor, inclusive em tom imperativo e com vocativo rude (*Então nem me chama, carai, se for pra fazer um trem desses*), a não realizar o ato que causa a mágoa. Ao fazer esse chamamento, o interlocutor, que pode ser qualquer pessoa que venha a ter interesse no locutor, é recrutado para a cena. Esse recrutamento imprime um tom mais intersubjetivo/interpessoal ao dito. As ocorrências aqui apresentadas corroboram a proposta de Traugott e Dasher (2002).

No conjunto de dados consultados, há evidência de maior (*inter*)*subjetividade* na manifestação de $Pred_{Fic}$. Consideramos algumas razões que podem influenciar tal resultado: (i) a natureza da Rede X, que incorpora características de um blog pessoal, na qual os usuários tendem a compartilhar posicionamentos, crenças e valores pessoais e que sugerem uma adesão do interlocutor seguidor da conta; (ii) a caracterização semântica de $Pred_{Fic}$ envolver tendência à mudança de estado psicológico, o que é possível em relação a entidades animadas em detrimento de inanimadas; e (iii) em termos discursivos, $Pred_{Fic}$ ocorrer em sequências predominantemente narrativas.

Como último aspecto semântico-pragmático a ser pontuado, temos a sequência textual na qual as orações predicativas se inserem. Em termos de frequência, predominam majoritariamente orações de sequencialidade mais narrativas (90%), seguidas pelas descritivas (7%), além das argumentativas (3%). Observem-se os seguintes casos:

15. Amo q a minha mãe me mandar estudar mas ela tá smp fazendo barulho oq me atrapalha, tira minha concentração e aí qnd ela faz silêncio e eu consigo estudar em paz, vem reclamar q só estudo e n dou atenção pra ela 🙄 sla, sabe sla. **Ficarei louca em breve** rs.

16. oi, essa é a betty bryant, e está procurando um romance bem boiolinha para **ficar de grude com ela**, ela é super gentil, inteligente e talentosa, além disso, ela é jornalista! interessados, chamem na dm.
17. Por exemplo, a vacina da gripe tá aí todo ano, tomamos ela todo ano e mesmo assim com mudança de clima e etc corremos o risco de **ficar gripado**, mas você com a vacina da gripe em dia não adoce tanto quanto alguém que não tomou ela. É a mesma coisa com a COVID-19 e suas variantes.

O dado (18) reporta ao discurso narrativo, ou seja, uma sequência que corresponde à apresentação de um acontecimento específico (a falta de concentração nos estudos) envolvendo uma causa (barulho), assim como uma consequência (reclamação), ou seja, há uma sucessão de ações que ocorrem no texto. Em (19), temos uma sequência predominantemente descritiva, visto que o sujeito introduz a apresentação supostamente em forma de um anúncio de uma pessoa específica (*Betty Bryant*), descrevendo as principais características e anseios da pessoa referenciada (super gentil, inteligente, talentosa e jornalista). Esse tipo de sequência textual focaliza a descrição de um fato ou situação que, segundo Silva (2007, p. 189), “compõe uma sucessão de predicções enunciadas acerca de um dado tema ou título”. No caso do excerto em (20), é apresentada uma sequência argumentativa, pois o sujeito delimita motivos/razões específicos a favor da vacinação para prevenir um resfriado gripal. Para alcançar esse objetivo, ele enfatiza que “você com a vacina da gripe em dia não adoce tanto”, buscando fornecer certo envolvimento e convencimento ao interlocutor.

Em linhas gerais, os dados aqui consultados podem ser sumarizados a partir da seguinte Figura 3 representativa:

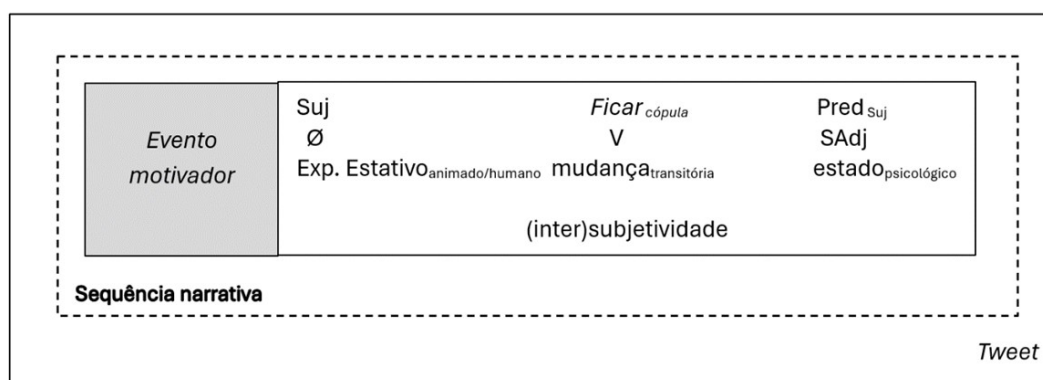


Figura 4 – Síntese dos resultados.

Fonte: Autoria própria.

Tendo em vista os dados quantitativos da pesquisa, a figura 3 representa os aspectos formais e funcionais de um post/*tweet* que circula em práticas de linguagem da Rede X, no qual se manifesta discursivamente orações predicativas com o verbo

ficar, objeto desta investigação. Os dados examinados mostram que Pred_{Fic} tende a ocorrer em sequências narrativas, predominantemente após o evento que motiva o estado expresso. Esse estado evocado denota uma mudança transitória experienciada por uma entidade animada/humana na posição de sujeito, geralmente, elidido em razão de anáfora por ser recuperável do contexto imediato. A característica do estado é de natureza mais psicológica e se expressa na posição de predicativo do sujeito, que é preenchida por elementos de natureza diversa na função de modificador. As orações tendem a ter grau mais *(inter)subjetivo*, reforçando o caráter interacional.

É válido ressaltar que a análise empreendida sobre Pred_{Fic} não se encerra nas categorias aqui examinadas. Acreditamos que é necessário que se amplie a investigação a partir de uma perspectiva construcionista, pelas seguintes razões: (i) Pred_{Fic} apresenta, no plano formal e no plano funcional, aspectos que podem ser compreendidos como um pareamento, tal qual se entende na Gramática de Construções; (ii) Pred_{Fic} apresenta *types* que podem ser avaliados quanto à processos de projeções metafóricas e metonímicas; (iii) há formações com Pred_{Fic} , como as composições idiomáticas, que podem ser explicadas à luz de um modelo construcionista.

Considerações finais

Este artigo buscou descrever a predicação no âmbito de orações com um verbo copulativo, o verbo *ficar*, em ocorrências do português como (i) *Maria ficou bege com a notícia* e (ii) *eu fiquei surtada*. Para alcançar esse objetivo, realizamos uma revisão da literatura gramatical e linguística sobre a predicação e apresentamos uma análise centrada nos aspectos formais e funcionais, sob a ótica dos princípios funcionalistas, averiguando aspectos formais e funcionais.

Ao longo deste estudo, concentramo-nos nos aspectos sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos envolvidos na predicação com o verbo *ficar*. Consideramos sobre a entidade na posição de sujeito, sua codificação morfossintática, seu papel temático e seu traço semântico de animacidade; sobre o predicativo do sujeito, avaliamos sua configuração morfossintática e a noção semântica relacionada ao estado expresso. Além disso, examinamos a ordenação do estado predicativo em relação ao evento motivador, os níveis de (inter)subjetividade e observamos o tipo de sequência textual em que tende a ocorrer. Recorremos a esses fatores como modo de compreender a manifestação de Pred_{Fic} diante dos variados contextos pragmáticos nos quais as ocorrências ocorrem.

Os resultados assinalam que a predicação com o verbo *ficar* está fortemente vinculada ao contexto semântico-pragmático, uma vez que as orações expressam tendência à mudança de estado de ordem majoritariamente psicológica e tendem a ocorrer após a exposição do evento que motiva tal configuração. Adicionalmente, na posição de predicativo de sujeito, é possível verificar um *continuum* que engloba

desde adjetivos até expressões substantivas, e ainda integração entre verbo e outros recursos (que formam idiomatismos por meio de *chunking*), enquanto na posição de sujeito, é comum encontrarmos uma entidade anafórica geralmente experienciadora. Os dados aqui examinados, de modo não exaustivo, reforçam o caráter dinâmico das forças que influenciam a manifestação da predicação, em especial de Pred_{Fic}, assinalando a indispensabilidade de se investigar e descrever a gramática da oração em português.

Referências

- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1961.
- AZEVEDO, A. C. O.; PEREIRA, M. H. M.; AYRES, D. J. O tweet como um gênero discursivo digital materializado no suporte Twitter. *Revista Philologus*, v. 27, n. 79, p. 1-9, 2021.
- BECHARA, E. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2. Ed. Ampla Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 39. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BOLINGER, D. *The form of language*. London: Longman, 1997.
- BORBA, F. S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BRINTON, L; TRAUOGOTT, E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- BRITO, R. M. Usos do verbo “ficar” no português brasileiro sob a ótica da semântica-enunciativa. *Uniletras*, v. 43, p. 1-13, 2021.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: United Kingdom University Press, 2010.
- CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CARVALHO, J. M. *Dicionário prático da língua nacional*. 8. ed. Rio de Janeiro/Porto Alegre: Globo, 1957.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- CHAFE, W. L. *Meaning and the Structure of Language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

- COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- CONSTANCIO, F. A. Rede Construcional do verbo ficar no PB. *In: SALIÉS, T. G. Linguística cognitiva aplicada: contextos profissionais e pedagógicos*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020. p. 73-89.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- DANTAS, I. M. G. *A correlação locução adjetival/adjetivo: uma análise funcional*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- DELBECQUE, N. *A linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.
- FERREIRA, A. B. H.; LUZ, J. B. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- FERREIRA, B. G. P. *Construção predicativa de mudança de estado e de propriedade com os verbos ficar, tornar-se e virar*. 2019. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. *In: MARTELOTTA, M. E. (org.). Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 157-76.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. A linguística funcional em perspectiva. *In: OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. (orgs.). Funcionalismo Linguístico: interfaces*. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 27-50.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *D.E.L.T.A.*, v. 17, p. 1-30, 2001.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 103-16, 2019.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 21-47.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. Isomorphism in the Grammatical Code: Cognitive and Biological Considerations. *Studies in Language*, p. 1-27, jan. 1991.

- GIVÓN, T. Prototypes-Between Plato and Wittgenstein. *In: Typological Studies in Language* 7. p. 77-102. Amsterdam; Philadelphia. 1986.
- GIVÓN, T. *Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2001a.
- GIVÓN, T. *Syntax: An introduction*. v. II. Philadelphia: John Benjamins, 2001b.
- GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HAIMAN, J. *Natural syntax*. New York: Cambridge University Press, 1985.
- HOPPER, P. J. *Emergent Grammar*. Berkeley Linguistic Society, v. 13, 1987, p. 139-57.
- HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. *Transitivity in grammar and discourse*. Language, Baltimore, v. 56, n. 2, p. 251-99, 1980.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. especial, p. 83-101, dez. 2016.
- LEHMANN, C. A auxiliarização de ficar: linhas gerais. *In: ALMEIDA, M. C; BERND, S.; BERNARDO, A. M. (eds.). Questions on language change*. Lisboa: Colibri, 2008. p. 9-26.
- LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2013.
- MARTINS, M. B. S. *Quietare e Figicare: uma pesquisa diacrônica das construções de mudança de estado no Espanhol e no Português*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- MATEUS, M. H. M. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. ed. rev. e ampl. Lisboa: Editora Caminho, 2003.
- MOREIRA, C. B. *Princípio de ligação sintaxe/semântica: construções estativas*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. Editora Unesp, 2011.
- NEVES, M. H. M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2018.
- NEVES, M. H. M. N. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OLIVEIRA, M. R. Arbitrariedade e iconicidade: (inter)subjetividade, metáfora e metonímia. *In: ROSÁRIO, I. C. Introdução à Linguística Funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: Eduff, 2022. p. 92-127.

- PALOMANES, R. M. A expansão de sentidos do verbo ficar e os mecanismos responsáveis pela organização cognitiva de suas significações. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. 2, n. 8, p. 1-8, 2004.
- PALOMANES, R. M. *Construções Gramaticais: uma análise das resultativas do português com o verbo ficar*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax: A guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PERINI, M. A. *Sofrendo a gramática*. Ed. Ática, São Paulo, 1997.
- PESTANA, F. *A gramática para concursos públicos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística funcional, linguística cognitiva e gramática de construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 595-621, 2020.
- REBELO, I.; OSÓRIO, P. Usos do verbo “ficar” no português do Brasil: classificação e análise. *Gragoatá*, v. 11, n. 21, p. 243-67, 2006.
- REBOUÇAS, R. A. F. *Sobre o verbo ficar em construções progressivas*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras Universidade do Porto, Porto, 2019.
- REBOUÇAS, R. Sobre a semântica do verbo ficar em construções progressivas com adjetivos e participios. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n. 8, p. 218-36, 2021.
- ROSÁRIO, I. C. *Introdução à Linguística Funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: Eduff, 2022.
- ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*. v. 104, n. 3, 192-233, 1975.
- SANTOS, L. T. *Abordagem funcional centrada no uso da construção modalizadora [V1_{AUX} + Prep + V2_{INF}]*. 2023. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.
- SILVA, J. R.; SABINO, M. C. A construção estativa com o verbo ‘ser’. *Gragoatá*, v. 25, n. 52, p. 757-84, 2020.
- SILVA, P. N. O tempo numa sequência descritiva. In: Colóquio Comemorativo dos 30 anos da Secção Portuguesa do Instituto de Estudos Ibéricos-Americanos da Universidade de Varsóvia, Varsóvia, 2007 - *Diálogos com a Lusofonia em linha: actas*. Varsóvia: Universidade de Varsóvia, 2007. p. 185-202.
- TANTUCCI, V. *Language and social minds: The semantics and pragmatics of Intersubjectivity*. Cambridge: Cambridge University, 2021.
- TAVARES, M. A. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012.

- TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: A reassessment. *In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 29-74.
- TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- UNGERER, F.; SCHMID, Hans-Jörg. *An introduction to cognitive linguistics*. New York: Longman, 1996.
- VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell, 1967.
- VIEIRA, M. S. M. Variação construcional em perspectiva: predicação verbal. *Pensares em Revista*, n. 19, p. 30-55, 2020.
- VIVIANI, Z. A. *Polissemia do verbo ficar*: introdução à gramática de casos. 1987. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.
- VOTRE, S. *et al.* Marcação e iconicidade na gramaticalização de construções complexas. *Gragoatá*, Niterói, RJ, n. 5, p. 41-58, 1998.
- XATARA, C. M. Tipologia das expressões idiomáticas. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 169-176, 2001.

Contribuição dos autores:

JSG: coleta de dados, decodificação dos dados, produção escrita, revisão e formatação;

NLL: decodificação dos dados, discussão teórico- metodológica, produção escrita e revisão teórica e linguística.

ECS: decodificação dos dados, discussão teórico- metodológica, produção escrita e revisão teórica e linguística.